

**Papo de Índio**

TXAI TERRI VALLE DE AQUINO &amp; MARCELO PIEDRAFITA IGLESIAS

# Uma homenagem ao velho Pancho Kaxinawá, da Terra Indígena Alto Purus

O papo de hoje é uma homenagem póstuma ao nosso velho amigo Francisco Lopes da Silva, o Pancho Kaxinawá, 67 anos, falecido no dia 14 de março de 2006, na pequena cidade de Santa Rosa do Purus, em decorrência de um câncer no estômago.

Nas décadas de 1980/90,

Pancho foi um dos principais articuladores das assembleias do movimento indígena do Acre e Sul do Amazonas, e uma grande liderança na luta pela demarcação das terras indígenas nessa região, sobretudo da TI Alto Purus, hoje regularizada, que seu povo partilha com os Madijá (Kulina), nos municípios de Manoel Urbano e Santa Rosa do Purus.

## História de vida

Pancho nasceu em um seringal do alto rio Envira. Muito novo, mudou-se com seus parentes para a aldeia de Balta, no alto rio Curanja, afluente das cabeceiras do rio Purus, no Peru. Foi para lá que, no início do século XX, parte dos Kaxinawá se refugiara, fugindo das frentes extrativistas da seringa e do caucho. Outra parte deste povo passou a viver sob a proteção de Felizardo Cerqueira, famoso catequizador de “índios brabos”, que os levou para um seringal do rio Formoso, afluente do alto rio Tarauacá, e, depois, para o Revisão, último seringal do rio Jordão. Costumo chamar este episódio histórico como a “diáspora kaxinawá”.

Quando sua família chegou

ao Curanja, no início da década de 1940, seu tio era o mais importante tuxaua Kaxinawá. No Curanja, provavelmente conheceu o missionário norte-americano Kenneth Kensinger, ajudando-o depois, junto com outros parentes, em sua conversão em antropólogo.

Viveu no Curanja do comércio de peles seca e de fantasia. Finda essa época, provavelmente em finais da década de 60, desceu o Curanja e o Purus, e foi morar em Conta, grande aldeia situada nas proximidades do posto militar peruano de Puerto Esperanza. Logo depois, veio com sua numerosa família viver nas cercanias da então vila de Santa Rosa, na fronteira Brasil-Peru.

## Um grande líder Kaxinawá

Foi justamente em Santa Rosa que, em 1978, conheci Pancho. Nesse ano acompanhei, como repórter do Varadouro, uma desobriga que Padre Paolino Baldassari realizava no alto rio Purus. Naquela viagem escrevi uma matéria sobre as pregações do Padre Paolino, a qual dei o sugestivo título - que até hoje

me parece bíblico - “Uma voz clama no Purus!”

O padre fez questão de me apresentar o Pancho, dizendo que ele era um grande líder Kaxinawá. Também o convidou para se mudar para a aldeia Fronteira, para ajudar, “com sua força e energia”, seus parentes Kaxinawá e Madijá na luta por suas terras. Pancho me levou à casa de seu sogro, José Sampaio, compadre de meu grande amigo Sueiro Sales Bane, onde, à maneira generosa como os Kaxi recebem os visitantes, tomei uma deliciosa caçuma de mudubim, comi peixe moqueado e macaxeira cozida. Atsa piwe! (“Vem comer macaxeira!”), disse-me ele naquela ocasião.

Francisco Lopes da Silva Bixku, Pancho Kaxinawá (1938 - 2006)



Pancho, entre o Senador Mário Maia e o Ministro do Interior Ronaldo Costa Couto, na luta pela regularização de terras indígenas no Acre e Sul do Amazonas, integrando uma embaixada de lideranças da região, no ano de 1986, em Brasília

## A luta pela terra

Em meados de 1979, soube que ele e sua família haviam se mudado para a Fronteira, atendendo aos apelos do Padre Paolino e de seu primo Mário Domingos, chefe daquela aldeia. Por lá passou menos de dois anos porque muitos de seus parentes do Curanja vieram morar com ele. Desceu o rio e fundou Cana Recreio, que veio a se tornar a mais importante e populosa aldeia Kaxinawá do Alto Purus.

À época, Pancho e Mário foram as principais lideranças Kaxinawá que contestaram a proposta inicial da Funai de identificar três áreas indígenas, pequenas e separadas, no alto rio Purus, formulada por um Grupo Técnico do órgão em 1979. Passaram a reivindicar um território único, abrangendo as quatro aldeias (duas Kaxinawá e duas Madijá), e impediram a existência de corredores entre elas. Face a es-

sas mobilizações, em 1982, a Funai enviou um novo GT, que reidentificou a Área Indígena Alto Purus. Esta identificação foi reconhecida pela Funai por meio de uma portaria de delimitação, de 17 de janeiro de 1983, com extensão contínua de 265 mil hectares.

Em 1984, novamente liderados por Pancho e Mário, os Kaxinawá e Madijá tomaram a decisão de autodemarcar a primeira área indígena no Acre. Até então, a Funai não demarcara nenhuma terra no estado. Com o mapa de delimitação nas mãos, e com o imprescindível apoio da IECLB, OPAN e CIMI, 80 índios abriram picadas em todo o perímetro da área indígena durante quase dois meses de trabalho. Este episódio foi amplamente divulgado, em 1984, na imprensa de Rio Branco, e registrado no “Aconteceu Especial 15”, do CEDI, hoje ISA (Instituto

Socioambiental).

Assim era o velho Pancho, liderança forte e decidida, que soube como ninguém manter acesa a chama da luta e conquistar o reconhecimento oficial da TI Alto Purus. Demarcada em 1995, e homologada no ano seguinte, é hoje a segunda maior terra indígena do Acre, com 263.130 hectares.

Por fim, quero dizer que em sua aldeia Cana Recreio, Pancho recebeu duas importantes antropólogas, Cecília McCallum e Elsjé Lagrou, uma inglesa e outra belga, que lá fizeram suas pesquisas de campo e escreveram suas teses de doutorado sobre os Kaxinawá. Certamente, elas também estão pesarosas com a recente morte do Pancho, porque muito aprenderam com ele e sua família sobre a cultura e vida do povo Huni Kuin, como os Kaxinawá se autodenominam.

## Despedidas

Lamento muito a morte sofrida do Pancho, lembrando ainda que, em menos de um ano, perdemos dois outros grandes amigos: o Toninho Pereira Neto e o Alceu Cotia, antropólogos que deram grande contribuição à regularização de terras indígenas no Acre. E na madrugada de hoje, 25 de março, José Sales Bane, filho do vice-prefeito do Jordão, Siã Kaxinawá, me acordou cedo para comunicar o falecimento do nosso estimado Edson Medeiros Ixã, importante professor da TI Kaxinawá do Rio Jordão. Ixã viveu gravemente enfermo e tetraplégico por mais de seis meses no Hospital

de Base de Rio Branco, conforme noticiamos nesta coluna. Para esses amigos queridos, ofereço o comovedor hino “Só eu cantei na barra”, do Hinário O CRUZEIRO, de nosso Mestre Juramidã: “Só eu cantei na barra/Que fiz estremecer/Se tu queres vida eu te dou/Que ninguém não quer morrer/A morte é muito simples/Assim eu vou te dizer/Eu comparo a morte/É igualmente ao nascer/Depois que desencarna/Firmeza no coração/Se Deus te der licença/Volta a outra encarnação/Na terra como no céu/É o dizer de todo mundo/Se não preparar terreno/Fica espírito vagabundo”.

O papo de hoje, editado pelo parceiro e compadre Marcelo Piedrafita, é baseado em uma longa entrevista com o Pancho, realizada por Malu Ochoa, em maio de 1998, durante uma viagem de assessoria da Comissão Pró-Índio às escolas Kaxinawá do Alto Purus. A antropóloga Ingrid Weber, outra amiga de Pancho, também colaborou nesta edição. Como dizem os Kaxinawá, Pancho e Ixã, agora, estão revisitando todos os lugares por onde andaram em vida, para só então irem ao encontro de seus antepassados, que estão muito longe daqui. A Deus, prezados amigos! (Txai Terri).



# Nossa luta nunca acaba, continua sempre

PANCHO KAXINAWÁ

Eu estudei no Santa Rosa. Estudei até no Peru, no Palestina, ali no Zé Pardo, ali já encostado, de um lado Santa Rosa, do outro lado Palestina. Não só eu, muitos alunos brasileiros estudaram no Peru. Não tinha escola no Brasil e todos, quando eram pequenos, estudavam lá.

Nessa época, a gente morava junto com os brancos. Em uma

parte moravam os Kaxinawá, em outra parte os brancos. Os índios moravam em baixo, moravam junto. Eu morava mais em cima, na frente do Zé Pardo. Ali, a gente trabalhava com legumes: arroz, feijão, macaxeira, banana. Trabalhava com caucho, juntava peles de fantasia e couro de porquinho, queixada, veado e vendia carne de caça. Trocava por mercadoria. Depois disso chegou o José Porfírio de Car-

valho, da Funai. Aí passamos a trabalhar com artesanato. Fazia rede, capanga, tapete, tanga, flecha, arco, lança, colar, pulseira. A Funai levava e trazia terçado, roupa, machado. Disso a gente vivia.

Lá nós morava 150 pessoas. Essas famílias tinham vindo do Envira: era família do seu Tauriano Estevão, Ramiro, Alciano. Nós morava tudo junto. Eu mesmo já vinha da cabeceira

do Curanja, lá do Peru. Viemos por Puerto Esperanza e passamos pro Brasil. Eu morava no Curanja, no tempo do couro, da pele de fantasia. A gente matava caça, espichava e secava o couro pra vender pros peruanos, trocava por espingarda, rádio. Depois que a pele perdeu o valor, saímos de lá.

Mas eu nasci na cabeceira do Envira. De lá, ainda pequeno, fui com minha família pra

cabeceira do Purus. Nasci no Brasil, depois que passei pro Peru. Quem abriu a aldeia lá no Curanja foi meu tio Campi, pai do meu primo. O pai dele chamava-se Purídio, que já nasceu no Murú. Antigamente, tinha tuchaua forte, que juntava muita gente. Hoje tem Kaxinawá espalhado pelos rios Tarauacá, Jordão, Murú, Humaitá, Breu, Envira, Curanja e Purus. Tanto no Brasil como no Peru.

## Uma terra própria para morar

Depois a Funai chegou e falou que nós precisava se reunir, tanto os Kaxinawá como os Kulina, porque precisava demarcar área indígena. Depois que encontrei a Funai, queria me contratar como professor. Falei que não queria, que minha capacidade era formar comunidades e lutar pelo povo indígena.

Nós decidimos vir em 1979. Meu primo, o Mário Domingos, foi lá e me convidou pra morar na Fronteira. O pai do Mário tinha morrido lá no Envira em 1974 e ele e a família dele e dos seus irmãos vararam pro Purus. Eu cheguei depois, em 1979.

Meu primo Mário me convidou: "Primo, deixa o branco aqui e vamos viver junto lá na Fronteira". Eu animei e mandei meu sogro, finado José Sampaio, olhar. Ele foi, olhou, e disse que dava pra morar: "Meu genro, lá é muito bom, tem lago, tem caça, dá pra nós morar. Aqui é fronteira, não dá de fazer moradia grande, já tem branco morando. Vamos morar lá com parente, o primo Mário". Ficamos animado. E o índio onde sabe de uma novidade boa eles vão logo atrás. Aí meus parentes vieram na frente e eu fiquei. Tinha uma filha que nasceu no dia 8 de setembro de 1979, estava com treze dias, quando minha casa queimou. Quase perdi minha filha, quase perdi minha vida. Fiquei com raiva e baixei também pra Fronteira.

Chegamos mais de 150 pessoas na Fronteira. Mas vimos que tinha muita gente. Por isso, reunimos e combinamos de morar noutra aldeia. Aí, em 1982, começamos a abrir a aldeia Cana Recreio.

Cana Recreio tinha 60 pessoas, no começo. Eu, meu sogro, José Sampaio, meu tio, o velho Augusto, o filho dele, Marciano Sampaio e o Manoel, o Dalviano com toda a família, Alciano, João, Arlindo, Ramiro. O Paulo, meu sobrinho, também. Depois chegou mais gente lá do Curanja. Depois disso foi que nós entramos. Quem veio do Peru depois foi o Raimundo, com toda família. Então nós colocamos professor. O primeiro foi meu sobrinho, o Paulo, e o Edivaldo morava também com ele.



Malu Ochoa, da CPI-Acre, e o velho Pancho em um belo lago de águas escuras do alto rio Purus (maio de 1998)

## Tirando os brancos

Na Fronteira tinha seringalista. Era o Alves Silva, ele era o patrão. Ele ficava criticando, brigava com nós, dizia: "O governo não vai apoiar vocês, ele não gosta de índio, vai matar vocês todos, saiam daí". Assim dizia. Mas nós dizia: "Índio tem direito sim, nós somos donos da terra". Ele fazia medo pra nós. Teve um dia que nós reunimos e mandamos chamar ele. Ele correu, tinha medo da Funai. Aí, nós vencemos.

Perto de Cana Recreio morava um seringueiro chamado Chico Tibúrcio, esse já morreu. Ele queria brigar comigo por terra, mas ele não tinha direito. Eu disse: "Eu tenho direito. Dentro da nossa reserva, você não pode brigar com índio. Se você me matar, vai sofrer. Se eu te matar, vou pra cidade comer pão, porque a lei diz que índio não pode ser preso". Ele ficou com medo, acertou que saía. Mas tive que indenizar tudo pra ele sair. Na época foram quinze mil cruzeiros. Paguei trabalhando pra ele, cortando seringa pra ele. Paguei tudo. Dei metade e compadre José Luis deu outra.

Tinha também Teodoro e Manoel Meireles, que moravam no Ipiranga, na boca do Chandless. Não eram seringalistas, só moravam lá. Esses enganavam índio. Os índios trabalhavam pra eles a troca de cachaça, de álcool. Quando ganhamos a terra, a Funai indenizou eles. Acabou o problema.

Outros brancos moravam do outro lado do rio Purus. Vinham de lá pra cortar seringa. Estragavam nossas seringueiras, derrubavam nossas madeiras pra fazer canoa. Pegavam nosso peixe. Por isso, briguei muito nesse tempo. Trouxe sessenta índios e quebramos todas as canoas que estavam dentro do lago. Então falei: "Se vier, nós amarra no pé de taxi. Bate em nós pra ver se é homem!". Ficaram revoltados com a gente. Eu falei: "Vai dar parte para ver quem tem mesmo direito!". Não mexeram mais.

Ficamos tranquilos no Cana Recreio, juntamos 480 pessoas. Como nós lutamos e os brancos saíram, nós chamamos a aldeia de Santa Vitória. Agora nós chamamos Novo Repouso. Depois, com o tempo, formamos todas as aldeias: Moema, Novo Lugar, Nova Aliança, Morada Nova e Narí. Fronteira e Cana Recreio são mais antigas. Hoje, são muitas aldeias novas. Era preciso nos dividir pra segurar nossa terra.

Antes o branco invadia nossa terra, entrava em nossos lagos, pegava nosso peixe, botava canoa no lago para mariscar. Onde estou morando hoje, branco vem mariscar. Eu deixo, é vizinho, é pra criar filho deles, não é pra ramo de vida, pra vender. Hoje não, é só pro rancho, é pra almoçar, jantar. Assim eu dou. Mas pra ramo de vida é proibido, nós não deixamos. Se deixar, acaba tudo, ficamos sem nada. E o que vamos comer? Nós temos peixe pra comer, criar nossos filhos, netos. O pirarucu é nosso. Não temos criação de gado pra comer. Nosso mercado é peixe e caça.

ção que é nossa.

Dia 12 de setembro deste ano (1998), vou completar 60 anos de luta. Já lutei muito e continuo lutando, mas graças a Deus nunca briguei. Nós brigava com a mente, em reuniões e assembléias com nossos parentes Kulina, Kaxinawá, Apurinã, Jaminawa, Yawanawá, Katukina, Nukini, Poyanawa, Jaminawa-Arara, Ashaninka e Arara. Nós lutamos enfrentando os brancos, pedindo a demarcação de nossas terras. O governo atendeu e já demarcou nossa terra, mas tem outras aí que ainda não foram nem identificadas.

## A luta continua

Por isso que digo, nossa luta continua. Precisamos agora ajudar nossos parentes que ainda não tem terra garantida. Hoje nossa luta não é para brigar, é pra criar organização entre nós. Não queremos perder nossa língua, queremos ensinar nossos filhos e nossos netos. Quando os velhos morrem, os filhos tomam de conta. Como antigamente, lutaram muito, tomaram tudo, perderam e morreram. Hoje, nossos filhos e netos já estão crescendo.

Hoje em dia meu filho é professor, contratado pelo estado. Já tem família e ensina todos, filhos e os irmãos dele também. Ensina português e ensina nossa língua hãtxa kuin, pras crianças não esquecer. Nossa língua vai continuar até o fim. Muitos já perderam a língua e a cultura de seus povos. Aqui não, nunca vamos perder. O português eu não falo muito bem, mas nossa língua sempre eu sei falar, porque é minha. Nunca esqueci, porque meu pai e minha mãe me ensinaram. Essa parte eu vou ensinar, porque, se eu morrer, meus filhos vão continuar, meus netos vão continuar nessa terra.

A luta continua, como sempre falamos. Que luta? A luta pra trabalhar, plantar e criar nossos filhos e netos. Como eu sou o cacique mais antigo, hoje estou com trinta e quatro anos de cacique, nunca mudei. Eu estou sempre em reunião com meus parentes de outras aldeias. Qualquer problema, nós reunimos e entramos em acordo. Nessa parte, vamos continuar a luta. Se tiver um parente atrapalhado, vou apoiar ele. Eu estou pronto pra defender. Não é brigar, é ensinar nossos direitos pra quem não sabe, quem não entende. Cacique mais velhos tem que ensinar pros mais novos.

## Nos tempos do cólera, nasce o município

Em 1992, o cólera tava chegando no Peru. Fiquei com medo, porque cólera ninguém sabia curar. Morreu muita gente lá em Esperanza, no Peru. Então, fui pra Rio Branco. Nesse tempo, o governador era Edmundo Pinto. Foi eu, o Mário, o Edivaldo e o Nicolau. Fomos pedir ao governador pra Santa Rosa passar a município. Ele perguntou: "Quem vai pra lá?". Eu respondi: "Quem vai não, os índios já moram lá. Precisa município pra ter assistência de saúde decente e pra vigiar a fronteira. Nossa fronteira não tem nenhuma segurança". Esse nosso pedido saiu até no jornal. Depois, nós mesmo fomos em Santa Rosa, reunimos e votamos no plebiscito pra criar o município. Lá era tudo mato, mas nós vencemos!

Hoje em dia temos vereadores e vice-prefeito Kaxinawá. Em 2000, nas próximas eleições, estamos pensando em votar só no índio. Branco só tem promessa. Já votamos duas vezes pra prefeitura em nosso município e até hoje não aconteceu nada. Estamos na mal. Se nosso parente aprender, vamos botar ele pra prefeito. Essa é a minha luta aqui pra montar município.

Hoje, temos apoio e força da Funai, da Comissão Pró Índio e do Cimi, que ajudaram muito. Nossos amigos do Cimi que muito nos ajudaram foram Walter, Rosa, Lori e Roberto. Hoje temos uma organiza-